

EUA e Irã ensaiam diálogo

ORIENTE MÉDIO

Em meio ao reforço de seu dispositivo militar no Golfo Pérsico, Donald Trump envia seu emissário especial à Turquia para uma reunião com altos funcionários do regime islâmico de Teerã. Na agenda, a retomada de negociações sobre o impasse nuclear

» SILVIO QUEIROZ

O enviado especial de Donald Trump para o Oriente Médio, Steve Witkoff, deve se reunir no fim da semana, na Turquia, com o chanceler do Irã, Abbas Araghchi, para retomar negociações diretas sobre o programa nuclear desenvolvido pelo regime islâmico. De acordo com o site de notícias norte-americano Axios, o encontro estaria previsto para a sexta-feira, em Istambul. A agência iraniana de notícias Fars confirmou que o presidente Masoud Perzeshkian "ordenou a abertura de negociações diretas com os Estados Unidos".

O aceno ao diálogo abre parênteses em uma escalada de tensão que vem da virada de ano, quando eclodiu nas principais cidades iranianas uma onda de manifestações contra a crise econômica. Os protestos se alastraram pelo país, nas últimas semanas, assumiram um caráter de contestação aberta ao regime e foram reprimidos com dureza inédita nas quase cinco décadas desde a revolução islâmica de 1979. Os conflitos teriam resultado em ao menos 6 mil mortes, segundo organizações pró-direitos humanos baseadas nos EUA e na Europa, que contabilizam ainda milhares de presos.

A abertura de Teerã ao diálogo, aparentemente aceita por Washington, se segue a uma troca de ameaças que coincidiu com a chegada ao Golfo Pérsico, nos limites da costa iraniana, do grupo naval liderado pelo porta-aviões USS Abraham Lincoln. Paralelamente, os EUA reforçaram a presença de aviões de combate nas bases que mantêm na Jordânia, nos Emirados Árabes Unidos e em outros países vizinhos ao Irã. No domingo, porém, Trump afirmou que "espera chegar a um acordo".

"Estamos examinando e finalizando os detalhes de cada etapa do processo diplomático, que esperamos concluir nos próximos dias", informou Baqaei. O porta-voz, no entanto, frisou que seu governo não toma em conta algum prazo que possa ter sido fixado para a conclusão de um acordo sobre o programa nuclear — uma noção que foi colocada em pauta, no fim de semana, pelo presidente dos EUA. Trump não foi explícito sobre uma data, mas afirmou que "eles (os

iranianos) sabem" qual seria o limite para que aceitem o acordo proposto. "O Irã nunca aceita ultimatos", garantiu o funcionário.

Região em alerta

A escalada de tensão incluiu uma intensa troca de ameaças, em que ambos os lados prometeram empregar "força máxima" em caso de ataque pelo adversário. O líder supremo do Irã, o aiatolá Ali Khamenei, advertiu que, ao contrário do que ocorreu nos ataques dos EUA a instalações nucleares do país, no ano passado, desta vez uma ofensiva contra seu país deflagraria "uma guerra regional". Vizinhos como a Arábia Saudita e mesmo Israel, inimigo frontal da República Islâmica, teriam intercedido com Trump para que não precipite uma investida. A Jordânia, também aliada dos EUA, comunicou formalmente a Teerã que não

permitiria o uso de seu espaço aéreo por aviões norte-americanos, num ataque ao Irã.

A imprensa dos EUA publicou ontem informações atribuídas a fontes bem colocadas no governo Trump segundo as quais comandantes militares israelenses teriam se reunido com contrapartes, em Washington, para discutir opções, prazos e outras variáveis relacionadas a uma ação militar contra o Irã. No auge da repressão aos protestos contra o regime dos

aiatolás, há duas semanas, o presidente dos EUA chegou a convocar os iranianos a "tomar de assalto" órgãos do poder e prometeu que "o socorro está a caminho". O governo israelense, assim como os aliados árabes, teria insistido com a Casa Branca por mais tempo para preparar-se para a esperada — e anunciada — represália militar iraniana.

Desde então, Washington optou por moderar o tom e mudar o foco de sua abordagem. Em lugar das

ameaças de uma intervenção em apoio aos manifestantes contrários ao regime, colocou sobre a mesa a retomada de negociações sobre um acordo pelo qual o Irã renuncie formalmente a desenvolver armas atômicas. Teerã parece ter aceitado a abertura, nos termos do que chegou a ser discutido em 2025, antes dos bombardeios dos EUA contra algumas das principais instalações ligadas ao programa nuclear.

"O presidente Trump diz 'não às armas nucleares' e estamos totalmente de acordo com esse ponto", disse ontem o chanceler Abbas Araghchi. (...) Claro, em troca, esperamos um levantamento das sanções", disse Araghchi no domingo. "Portanto, esse acordo é possível. Não estamos falando de coisas impossíveis", acenou.

Risco calculado

Na avaliação do professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPM, Donald Trump e seus estrategistas parecem planejar os próximos lances segundo um cálculo pormenorizado dos riscos envolvidos — começando por uma estimativa quanto à possível resposta do regime islâmico. "O Irã tentaria atacar bases e interesses norte-americanos no Oriente Médio inteiro. Isso poderia trazer uma desestabilização maior ainda na região mais importante fornecedora de petróleo do mundo", observou o estudioso, em entrevista ao *Correio*.

Rudzit vê na recente escalada retórica de Washington, e mesmo nos preparativos militares colocados em marcha, um movimento cujo objetivo é atrair novamente Teerã à mesa de negociações sobre o programa nuclear. Com eleições legislativas marcadas para novembro, e de olho em qualquer impacto mais significativo sobre a economia, Trump trata de evitar uma disparada nas cotações do petróleo. O professor da ESPM acrescenta ao espectro das preocupações da Casa Branca "o histórico de que, quando o Irã é atacado externamente, seja pelos EUA ou por Israel, a população se volta contra o atacante" e a oposição direta ao regime arrefece. "É por isso que eu acredito que seja uma pressão para fazer o Irã negociar outro acordo sobre o programa nuclear", arrisca.



Graffiti pintado no exterior da embaixada americana em Teerã mostra um drone: regime islâmico em guarda contra possível ataque

» Abertura na Faixa de Gaza

Cruzaram ontem a fronteira para o Egito, na passagem de Rafah, os primeiros palestinos residentes na Faixa de Gaza autorizados a deixar o território pelas forças israelenses, que controlam os acessos ao enclave. Os contemplados foram civis doentes e feridos nos dois anos de guerra entre Israel e o movimento islâmico Hamas. Conduzidos em três ambulâncias, eles foram "imediatamente examinados para determinar para qual hospital seriam transferidos", informou à agência de notícias France-Presse um alto funcionário do Ministério da Saúde egípcio. Fechada desde 2024, a passagem de Rafah — única via de acesso entre Gaza e o mundo exterior que não passa por Israel — foi reaberta ontem nas duas direções para os moradores, que poderão cruzar a fronteira sob condições muito estritas.



O líder supremo, aiatolá Ali Khamenei: ataque pode desatar "guerra regional"

AMÉRICA LATINA

Costa Rica vai copiar Bukele

» Trump recebe Petro

Depois de um ano trocando ataques pessoais e ácidas divergências políticas, o presidente Donald Trump e o colega da Colômbia, Gustavo Petro, terão hoje o primeiro encontro a dois na Casa Branca. A expectativa do governo de Bogotá, segundo a chanceler Rosa Villavicencio, é de que a relação bilateral "será relaxada" na reunião, com aberturas para "avanços muito importantes no social, no bom entendimento diplomático e também no econômico". Primeiro político de esquerda a governar o país em 200 anos de vida independente, Petro foi o governante sul-americano que adotou o discurso mais duro contra a operação militar ordenada por Trump no Mar do Caribe, em setembro último, a pretexto de combater militarmente o tráfico de cocaína para os EUA a partir da Venezuela. O presidente colombiano condenou duramente, há um mês, o ataque norte-americano a Caracas e a captura do presidente Nicolás Maduro. "A mensagem é clara: com esse encontro, as nações ganham, e os criminosos perdem", afirmou o ministro colombiano da Defesa, Pedro Sánchez. "Víemos a Washington com esse espírito", completou a chanceler.

Crime organizado com o mundo externo", argumentou Laura Fernández. "Por isso, essa prisão tem de se tornar realidade", disse a presidente eleita, que foi ministra do atual mandatário.

Por décadas considerada um dos países mais seguros da América Central, a Costa Rica passou de ponto de trânsito a centro logístico e de exportação de drogas para os Estados Unidos e a Europa, disse à agência de notícias France-Presse o diretor do Organismo de Investigação Judicial (OIJ), Michael Soto. A segurança pública é hoje a principal preocupação dos costarriquenhos, que garantiram para a candidata govenista a vitória no primeiro turno e a maioria legislativa.

"El Salvador, que conseguiu recuperar sua sociedade após mergulhar

em uma crise de violência sem precedentes em nível mundial, pode continuar compartilhando sua experiência conosco", disse à imprensa a presidente eleita, uma cientista política de 39 anos. Durante o governo Chaves, os homicídios atingiram um pico histórico de 17 para cada 100 mil habitantes, índice pelo qual ele responsabiliza o Poder Judiciário, ao qual acusa de não endurecer



A presidente eleita da Costa Rica: tolerância zero, ao estilo salvadorenho

as medidas contra os criminosos. Laura Fernández será a segunda mulher a governar a Costa Rica, país de 5,2 milhões de habitantes e um dos mais estáveis da região. Ela se segue a Laura Chinchilla, que também venceu no primeiro turno, em 2010. "As maioria eleitorais, por mais avassaladoras que sejam, não são salvo-conduto para silenciar as minorias nem para sufocar as vozes dissidentes", advertiu Chinchilla, uma de suas críticas mais ferrenhas, que pediu à oposição que cumpra seu papel de contrapeso no Congresso.

Os opositores afirmam que Chaves, a quem acusam de "autoritário"

controlará o Executivo dos bastidores e tratará de preparar o retorno ao poder. Na Costa Rica, o presidente deve esperar dois mandatos para voltar a se candidatar ao cargo.